

# Classificação das bases conceituais para elaboração de sistema digital de busca de fontes jornalísticas

Walter Teixeira Lima Junior

**Resumo:** Este artigo contém a definição de conceitos e revisão bibliográfica da primeira parte da pesquisa de nosso pós-doutorado visando à produção de *software* para pesquisa e validação qualitativa de fontes de informação jornalística. O texto versa sobre memória biológica, *decision making* e conceitos fundamentais para escolha de uma fonte jornalística: natureza da fonte, credibilidade, prestígio e atualidade. Eles permeiam e influenciam a escolha (tomada de decisão) por parte do profissional que necessita de uma fonte para realizar seu trabalho jornalístico. Foram classificados, categorizados, estruturados e relacionados visando servir de parâmetros confiáveis e consolidados para que um *software* possa, a partir deles, realizar a tarefa de seleção das melhores opções de fontes jornalísticas, sem que esse processo contenha os vícios apontados por pesquisadores da área.

**Palavras-chave:** fontes jornalísticas; jornalismo; tecnologia; ciências cognitivas; memória biológica

**Abstract:** *Classification of conceptual bases for the construction of a digital system for searching journalistic sources* – This article contains definitions of concepts and bibliographical reviews of the first part of a post-doctoral research aimed at the production of software for the research and qualitative validation of journalistic information sources. The text discusses biological memory, decision-making and fundamental concepts for the choice of a journalistic source: the nature of the source, its credibility, prestige and currentness. These factors imbue and influence the choice (decision-making) of the professional seeking a source to carry out his journalistic work. They were classified, categorized, structured and interrelated to serve as reliable and consolidated parameters to enable a software program to perform the task of selecting the best journalistic sources without the errors and problems that researchers of the area have experienced.

**Keywords:** journalistic sources; journalism; technology; cognitive sciences; biological memory

## Introdução

O projeto de pós-doutorado “Formação das bases conceituais e criação de UML (Unified Modeling Language) visando à produção de *software* para pesquisa e validação qualitativa de fontes de informação jornalística” está dividido em três partes essenciais. Na primeira, que corresponde ao estágio atual da pesquisa, descrevem-se propriedades dos conceitos que permeiam, teoricamente, as escolhas de fontes jornalísticas por profissionais da mídia impressa, a saber: natureza, credibilidade, prestígio e atualidade das mesmas. É necessário ressaltar que, nas mídias eletrônicas, como a televisiva e a radiofônica, outras variáveis são levadas em consideração para se escolher uma fonte, como, por exemplo, a estética da fonte e/ou a facilidade dela para se comunicar oralmente.

A segunda parte da pesquisa descreve as propriedades dos conceitos, estruturando a modelagem do sistema através da linguagem UML. A partir da criação dessa modelagem, serão definidos os programas a serem utilizados para a produção de *software* que pesquisará e validará qualitativamente as fontes de informação jornalística.

A metodologia aplicada baseia-se no cruzamento das áreas que envolvem a Comunicação Social, Ciências da Computação, Neurociências, Psicologia cognitiva e Antropologia, com vistas a classificar as fontes jornalísticas utilizadas pelos jornais diários no que tange à natureza, credibilidade, prestígio e atualidade, analisando a importância desses conceitos na qualidade da informação jornalística. A partir dessa análise, será estruturado o UML, servindo de base para definição de programas que serão utilizados na produção de softwares de pesquisa e validação qualitativa de fontes de informação jornalística.

No campo do jornalismo, é utilizada a taxonomia observada pelos pesquisadores da área. Nilson Lage, Brain McNair e Manuel Pinto, que são os principais autores no campo da conceituação de fontes jornalísticas. São utilizadas também as definições de precisão jornalística contidas nas obras do pesquisador americano Philip Meyer.

Partindo do apontamento das quatro variáveis a pesquisa buscou na Psicologia Cognitiva<sup>1</sup> teorias e procedimentos para estruturar esses conceitos, com base nas estratégias de tomada de decisão e de julgamento humano. “O ser humano toma uma decisão através da seleção de uma alternativa visando produzir um resultado que lhe é favorável, portanto, sob a perspectiva do tomador da decisão” (YATES, 1990, p 79).

## Pressão: fuga através de atalhos mentais

Mas até que ponto o profissional utiliza todas as possibilidades de raciocínio dedutivo ou indutivo na busca de um melhor resultado? Atualmente, o jornalista cumpre uma jornada de trabalho, muitas vezes, excessiva e com vári-

as tarefas a serem realizadas em tempo reduzido. O profissional sente-se pressionado a tomar decisões rápidas. Nessas condições, recorre, à Heurística, para obter um resultado, mesmo com informações incompletas e recursos limitados. Isso significa que pesquisa, mentalmente, através de um universo de possibilidades. Mas a evolução dessa pesquisa pode ser incerta e incompleta. “Heurística é o atalho mental que torna mais leve a carga cognitiva de tomar decisões, mas também possibilita uma chance muito maior de erro” (STERNBERG, 2002, p. 343), para resolver o problema.

Nesse processo de tomada de decisão para escolha de uma fonte jornalística, há a interferência de outros fatores como a má formação cultural ou profissional dos profissionais envolvidos, além desta característica comportamental humana que é a acomodação. Agindo sozinhas ou em conjunto, essas variáveis conduzem para a teoria da racionalidade limitada, em que os limites cognitivos induzem o tomador de decisão a recorrer a um modelo simplificado do mundo com o qual interage. O critério fundamental desta teoria é a noção de *satisficing*, cujo pressuposto é de que o indivíduo trabalha tendo em vista um resultado satisfatório, embora não necessariamente ótimo.

É no processo decisório da escolha das fontes jornalísticas que se insere o trabalho do jornalista, que procura, geralmente, um “resultado satisfatório, embora não necessariamente ótimo”. Essa sistemática tem afetado a qualidade do jornalismo praticado e, conseqüentemente, sua credibilidade, pois não se cumprem assim algumas das funções primordiais do jornalismo, como a isenção, a precisão, a produção de informação confiável e de relevância social. Portanto, as instituições ou indivíduos que presenciam ou participam de fatos de interesse público são os principais fornecedores de dados e informações que dão origem aos conteúdos jornalísticos.

As fontes podem ser pessoas, grupos, instituições sociais, ou são ainda vestígios — discursos, documentos, dados —, por aqueles deixados ou construídos. Elas remetem a posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaciais temporalmente situados (GOMIS, 1991, p. 59).

Em suma, as fontes a que os jornalistas recorrem ou que procuram os jornalistas são fontes interessadas, quer dizer, implicadas em táticas e estratégias determinadas. E se há notícias isso deve-se, em grande medida, ao fato de haver quem queira que certos fatos sejam tornados públicos. (Ibid., p. 60).

## A importância das fontes

As fontes são mais importantes para o processo de produção de notícias que o próprio jornalista, uma vez que são elas que oferecem a matéria-prima da

notícia. Além disso, o jornalista renomado constrói sua carreira em função da rede de relações com suas fontes. O estudo dos emissores, na perspectiva do *newsmaking*, considera que, no atual contexto de produção de informações, é necessário que seja ampliada à visão convencional do conceito de emissor. Assim, é correto afirmar que, além da imprensa, do rádio e da TV, as agências de notícias, as fontes institucionais de informação e as assessorias de comunicação e imprensa são consideradas emissoras.

Para chegar ao produto da escolha, o profissional mesclou, necessariamente, informações do ambiente que interage com informações armazenadas em sua memória biológica.

Portanto, o estudo também incorpora uma investigação desde o ângulo das Neurociências, em que encontra parâmetros científicos para estabelecer relações com a memória biológica, definida como a capacidade de codificar, armazenar e recuperar informação (BADDELEY, 1999, p. 513), processos de decisão (*decision making*) e os métodos e critérios jornalísticos de escolha de uma fonte por um profissional. Essa área do conhecimento humano já avançou profundamente no entendimento de pesquisar como funcionam os sistemas complexos da memória biológica e fornece importantes elementos de compreensão de como e por que se decide por uma fonte jornalística.

A incorporação de áreas do conhecimento como as Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Computação, Neurociências e Psicologia Cognitiva, na elaboração de um *software* de escolha de fontes jornalísticas servirá para construção de um sistema inteligente, no que respeita ao entendimento das necessidades do usuário (jornalista), facilitando e qualificando o seu trabalho de busca, tendo como resultado o aumento de qualidade na informação transmitida ao leitor, telespectador, radiouvinte e internauta.

## **Ambiente de trabalho do jornalista**

No caso do ambiente, o jornalista da atualidade, para obter informações sobre possíveis fontes jornalísticas, vale-se de mecanismos digitais de buscas via rede de computadores, banco de dados (internos e externos), *instant messenger*, agendas eletrônicas e impressas, via telefone, indicação de outros profissionais, assessorias de imprensa, *press release*, orientações contidas nas pautas e observação de conteúdos informativos publicados e veiculados nas mídias massivas.

Essa percepção de mundo, representada através de vários dispositivos de coleta de informação, se associa à memória biológica. A partir daí, os cruzamentos de informações são realizados na busca da melhor alternativa, levando-se

em consideração o tempo necessário para se produzir o conteúdo informativo, facilidade de contato com a fonte, adequação com a linha editorial do veículo e, no caso de rádio e televisão, questões estéticas.

Para que o resultado dessa busca seja satisfatório do ponto de vista do interesse e da relevância social da informação, deve conter os conceitos: natureza da fonte (origem), credibilidade, prestígio e atualidade.

Portanto, a definição dos atributos pertencentes a esses conceitos é importante para se construir uma escala de valor, visando construir parâmetros que possam ser aferidos e testados.

## Fontes são escolhidas pelos jornalistas

No modelo atual vigente em boa parte dos veículos de comunicação — dos pequenos até os conglomerados de mídia — o jornalista (repórter), ou editor é o elo da cadeia de produção industrial da notícia. É ele que decide o que entra ou não entra na formação do conteúdo jornalístico.

Qual o objetivo do jornalista? Para obter algum resultado, o jornalista trabalha com a informação, que é sua matéria-prima. Para existir notícia é necessário primeiro que haja uma informação de interesse universal. O consumidor da notícia pode não estar interessado no produto final da notícia, na sua embalagem ou conteúdo ideológico, mas quer obter a informação que ela deve obrigatoriamente ter. A notícia é a matéria prima do jornalismo, pois somente depois de conhecida ou divulgada, é que os assuntos aos quais se refere podem ser comentados, interpretados e pesquisados. (LAGE, 2001).

Vários processos decisórios, incluídos na cadeia de produção da notícia, estão ao alcance do jornalista, a exemplo da seleção de temas a serem abordados; da escolha de fontes de informação (selecionar e qualificar interlocutores válidos); do questionamento da fonte; a coleta de dados (depoimentos); da estrutura das informações conforme contexto; da utilização de técnicas de produção (exemplo: roteiro para uma reportagem de televisão) e da tomada de decisão sobre a maneira como o conteúdo será entregue ao consumidor. Porém, é na produção da pauta que a procura por fontes é iniciada.

Na produção da matéria, cabe ao jornalista a tarefa de encontrar fontes que tenham credibilidade, atualidade e que validem a informação obtida. A fonte é importante para fornecer veracidade à matéria jornalística e ajudar na compreensão do fato noticiado pelo público alvo. Para que esse objetivo seja alcançado, o profissional deve verificar se a fonte é confiável, se pode verificar a informação passada, avaliando a maturidade (se tem experiência consolidada no assunto

abordado pela pauta), se tem proximidade com o assunto, se é a melhor autoridade (no sentido de conhecer o assunto) e se é possível saber o que outras fontes pensam da fonte contatada.

## **Memória biológica: informação apreendida e armazenada**

O jornalista vale-se da sua memória biológica para armazenar, recuperar e relacionar dados como o contexto fornecido pela “realidade concreta”. Esse processo, como mostrado acima, pode ser realizado utilizando-se métodos de decisão que buscam soluções “ótimas”, seja pelo caminho da análise da seleção de todas as possibilidades ou da heurística. Mas ambos os processos se estruturam a partir das capacidades da memória biológica.

Partindo de uma perspectiva evolutiva, Georges Chapouthier explica que o termo memória pode assumir dois sentidos. “No restrito, é a capacidade que certos seres vivos têm de armazenar, no sistema nervoso, dados ou informações sobre o meio que o cerca, para assim modificar o próprio comportamento” (CHAPOUTHIER, 2005, p. 9).

Em uma acepção mais ampla, a memória é também todo e qualquer traço deixado no mundo ou nos componentes deste por determinado evento. Falamos assim de traços, resíduos ou fósseis bem como de memória genética, citoplásmica ou imunológica. E existem ainda as memórias artificiais criadas pelo ser humano.

As memórias são guardadas sob a forma de modificações nas relações específicas entre neurônios e não como alterações em moléculas ou neurônios específicos para a memória. (FUSTER, 2005, p. 27)

Nota Laroche que, durante muito tempo, acreditou-se que os mecanismos fundamentais das funções mentais superiores, como, por exemplo, a memória, escapariam a qualquer análise biológica, mas que, atualmente, “compreendemos melhor como as diferentes formas de memória se organizam e quais são os circuitos e as estruturas do cérebro envolvidas” (LAROCHÉ, 2006, p. 43). Progredimos na análise dos mecanismos da comunicação intra e intercelular e da plasticidade neuronal que participam da formação e conservação dos traços mnemônicos<sup>3</sup>. Então, a memória biológica é constituída por vários sistemas que tratam e armazenam componentes específicos da informação. Em condições normais, esses subsistemas colaboram entre si: um mesmo evento pode ter conteúdo semântico e episódico e uma mesma informação pode ser representada sob forma explícita e implícita.

Várias regiões do cérebro tratam de diferentes dimensões da informação e as colocam na memória sobre diversos conteúdos. Mas essas regiões estão reunidas por redes temporárias ou permanentes, nas quais baseia-se a lembrança. Assim, não somos conscientes de todas as nossas memórias ao mesmo tempo (LAROCHE, 2005, p. 37-39).

Parte essencial do processamento da informação realizado pelo cérebro não é consciente, e, portanto, não podemos nos dar conta desse processo. A tomada de consciência da forma e da cor de um lápis, por exemplo, resulta de diversas operações cerebrais que permitem reconhecer e identificar o objeto. Em contrapartida, os mecanismos que nos fazem estender a mão em direção ao lápis são inconscientes, (SQUIRE; KANDEL, 2005, p. 50).

Para a recuperação de tais conteúdos, é primordial entender como funciona o sistema da memória humana, conhecendo os seus tipos e as suas múltiplas e interligadas funções. O estudo dos mecanismos da memória biológica é necessário para que se possa ter confiabilidade nos resultados obtidos.

O estudo da memória é uma preocupação central na neurociência e nas ciências da cognição. Na neurociência, a memória é estudada por neurofisiologistas para determinar as mudanças sinápticas que será a base para plasticidade neural, e por biólogos moleculares para determinar os processos moleculares que governam o comportamento sináptico. Nas ciências da cognição, a memória é estudada pela ciência da computação que está interessada em construir sistemas eletrônicos de aprendizagem e pelos psicólogos cognitivos para entenderem a performance da memória humana. (BECHTEL; GRAHAM, 1999, p. 85).

Mas o que é memória? Para muitos pesquisadores, é a “habilidade para re-coletar a consciência, para lembrar o que aconteceu há dias, semanas ou anos” (LE DOUX, 2002, p. 97). Já para Henry L. Roediger III and Lin M. Goff (1999, p. 250), “a memória é uma palavra simples que se refere a um conjunto complexo e fascinante de habilidades que pessoas ou outros animais possuem, capacitando-os a aprender por meio de uma experiência e reter o que eles aprenderam”. Na memória, biológica uma experiência afeta o sistema nervoso, deixa resíduo ou traços, e muda mais tarde o comportamento. Tipos de memória biológica são tremendamente variadas; então, também, são as técnicas usadas nas ciências da cognição para pesquisá-las.

Memória é o processo pelo qual o que é aprendido pode ser retido (armazenado) com a possibilidade de ser recuperado mais tarde. Muito do que os humanos conhecem sobre o mundo não é construído no tempo do

nascimento, mas é adquirido através de experiências. A informação apreendida, armazenada no cérebro como memória e é disponível mais tarde para ser recuperada. (SQUIRE, 1999, p. 520).

Para Iván Izquierdo, ao contrário do que se pensa comumente, “o processo de memorização não acontece apenas quando se apreende algo novo, ou se recorda algo” (IZQUIERDO, 2005, <[www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=6979](http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=6979)>). Todo tipo de informação é formação da memória biológica, pois o cérebro funciona 24 horas por dia.

A informação apreendida e, portanto, armazenada, vai ajudar na construção da consciência. Apesar de o termo e o processo de aquisição de consciência ainda serem indefiníveis quando se utiliza o rigor científico, muitos acreditam que, sob essa denominação, escondem-se muitas coisas, entre elas as memórias, níveis de atenção e outras atividades, propriedades e características do tecido nervoso. Joseph Le Doux afirma que “sem os processos de aprendizagem e memória, a personalidade poderia ser meramente um vazio, expressão empobrecida da constituição da nossa genética. Aprender nos permite transcender os nossos genes” (LE DOUX, 2002, p. 9).

Hoje, nós que estudamos as Neurociências e vemos através desse estudo o quanto avançamos e o quanto ainda ignoramos sobre a mente humana, nos surpreendemos que poucos anos atrás pudessem ter existido idéias tão fantasmagóricas sobre ela. (IZQUIERDO, 2005).

Porém, para Ivan Izquierdo, “a mente humana abrange muito mais do que a memória” (ibidem). Das funções mentais participam a percepção, o nível de alerta, a seleção do que queremos perceber, recordar ou aprender, a decisão sobre o que queremos fazer ou deixar de fazer, a vontade, a compreensão, os sentimentos, as emoções, os estados de ânimo e tudo aquilo que é englobado sob os conceitos de inteligência e consciência. Todas estas variáveis são fortemente influenciadas pelas memórias e vice-versa; mas são entidades separadas da mesma e com mecanismos próprios.

## **Tipos de memória**

A idéia de que a memória não é uma única faculdade da mente não é propriamente nova. Há mais de um século, podemos encontrar expressões dessa idéia em escritos de psicólogos e de filósofos. Há mais de um século. Por exemplo, sabe-se que, em 1804, Maine de Biran escreveu sobre a memória mecânica, a memória sensível e a memória representativa. “William James (1890) escreveu capítulos separados sobre memória e hábitos em seu livro *Princípios*



*da Psicologia*. Outro importante escritor foi Bérghson (1910), focando sobre hábitos” (SQUIRE, 2004, p. 171). Portanto, os estudos sobre as memórias não são tão recentes, mas as pesquisas avançaram bastante no sentido de saber onde se localizam e entender suas funções e tipos, além de mensurar os tempos de duração e os conteúdos.

Todas as informações captadas são armazenadas no cérebro. Porém, para cada sorte de informação existe um tipo de memória, por isso acredita-se que existam tantas memórias quantas são as experiências acumuladas. A memória está localizada em muitos lugares do cérebro. Cada tipo tem seu local diferente. (IZQUIERDO, 2005, <[www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=6979](http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=6979)>).

Para Ivan Izquierdo, do ponto de vista de seu conteúdo, existem basicamente dois grandes tipos de memória: “as declarativas ou explícitas (um texto, um fato, um evento, muitos fatos, rostos, conhecimentos) e as memórias de procedimentos ou implícitas, que muitos denominam também hábitos, e que adquirimos e evocamos de maneira mais ou menos automática” (ibid., 2004, p. 81-87).

As memórias que persistem denominam-se memória de curta duração e memória de longa duração, declarativas ou procedurais. A primeira dura de 30 minutos a 6 horas, e a segunda, muitas horas, dias ou anos. Neste último caso denomina-se também remota. O processo de formação da memória de longa duração requer uma seqüência de passos moleculares que duram várias horas, durante as quais é suscetível a numerosas influências. A memória de curta duração é o processo que mantém a memória funcionando durante esse tempo em que a de longa duração não adquiriu sua forma definitiva (ibidem).

Já Joseph Le Doux (LE DOUX, 2002, p. 28) utiliza os termos implícito e explícito, para nomear, respectivamente, as memórias de procedimento e declarativa. Para o pesquisador francês, elas não são, por elas próprias, completamente neutras. Segundo Lê Doux, esses termos são emprestados dos estudos clássicos de memória, onde são amplamente reconhecidos como sistemas cerebrais envolvidos na forma explícita, sendo memórias conscientemente acessíveis. São sistemas distintos de uma variedade de outros sistemas que são capazes de apreender e guardar informações implicitamente.

Ao utilizar a memória biológica, como metáfora do funcionamento dos processos de codificação, armazenamento e recuperação da informação, a pesquisa se estrutura nos conceitos que explicam como esses sistemas são constituídos. Ou seja, a memória biológica é composta por vários sistemas que tratam e armazenam componentes específicos da informação e que colaboram entre si. Porém,

na memória biológica, um mesmo evento pode ter conteúdo semântico e episódico e uma mesma informação pode ser representada sob forma explícita e implícita. Para o sistema proposto na pesquisa, apenas a questão semântica e a função explícita serão levadas em consideração na produção do sistema de fontes.

## Conceituar e classificar atributos

No dicionário Houaiss, encontramos definições de natureza<sup>4</sup>, credibilidade<sup>5</sup>, prestígio<sup>6</sup> e atualidade<sup>7</sup>. Contudo, as etimologias não englobam as classificações, instâncias e atributos necessários para se fazer as distinções necessárias para enquadrar tais atributos dentro do campo do jornalismo.

Para elaborar esses conceitos, são utilizadas algumas classificações e tipificações de fontes, catalogadas por Nilson Lage e por Brian McNair, que também são mencionadas por Manuel Pinto (PINTO, 1999, p. 3), que contribuem com os seus conceitos para catalogação dos elementos que compõem as fontes.

Também são espelhadas teorias da psicologia cognitiva, principalmente, na parte de formação de conceitos e processos de julgamento. “O julgamento de valores e propriedades necessitam ser combinados para fazer a escolha final” (EYSENCK, 1990, p. 82).

## Natureza das fontes

Dos quatro conceitos importantes para se realizar um processo de escolha de fonte jornalística pertinente para elaboração de um conteúdo informativo de relevância social, a natureza da fonte é o nó inicial de uma rede de conexões possíveis. Através desse conceito, atingem-se as instâncias e atributos que vão ser valorados e escolhidos em busca de uma decisão “ótima”. Sem saber a origem da fonte, não é possível alcançar outros conceitos, como credibilidade, prestígio e atualidade.

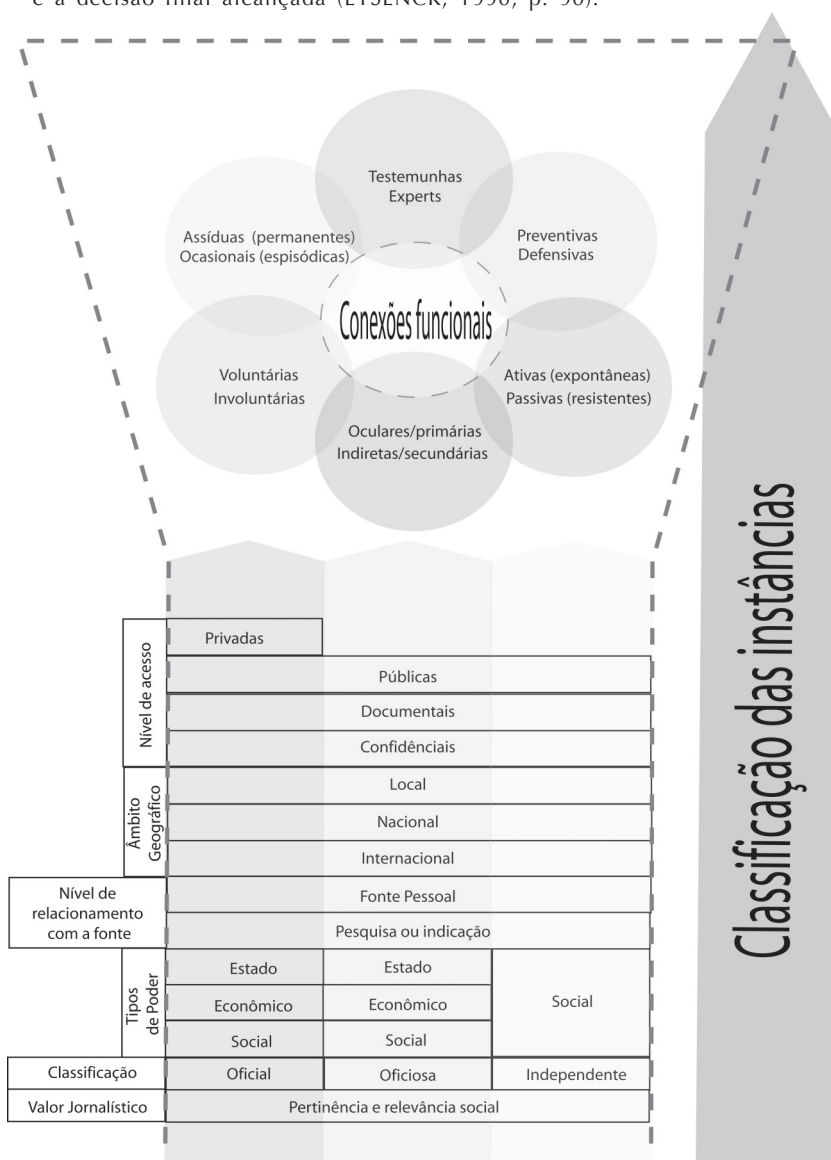
É importante ressaltar que esses conceitos são extraídos pelo jornalista, do real (ou da representação de que ele faz do real), ou seja, do “concreto” transferindo-os para a abstração (mente).

As pessoas têm uma tendência a assumir que conceitos têm essências e que a identificação (superficial) das características dos conceitos é ligada com a profundidade, propriedades essenciais do conceito. Levando isso em conta, as pessoas podem usar similaridade heurísticamente porque as coisas que são superficialmente similares são frequentemente similares em muitas fundamentais formas (ibidem).

A figura 1, abaixo, é resultado dessa primeira fase da pesquisa. Nela foram condensados todos os conceitos demonstrados pelos pesquisadores da área de

jornalismo, citados neste artigo. Com base nos conceitos que estruturam o termo “fonte jornalísticas”, foram elaborados os atributos e as instâncias, revelando as conexões funcionais entre elas.

As escolhas requerem o estabelecimento dos atributos relevantes e a estratégia para integração das informações sobre os atributos para um julgamento global/total sobre cada objeto. Então, os julgamentos podem ser compactos e a decisão final alcançada (EYSENCK, 1990, p. 90).



## Credibilidade, prestígio e atualidade

Esses três conceitos dependem exclusivamente da percepção do jornalista, depois de contemplar as instâncias contidas no conceito natureza. Na psicologia cognitiva, *Person Peception* se refere a um sub-campo da psicologia social (social cognition)<sup>8</sup> preocupado com a maneira como o ser humano usa a informação sobre as outras pessoas para formar impressões, fazer julgamentos, antecipar comportamentos e interagir (EYSENCK, 1990, p. 271).

O observador (jornalista) tende a projetar seus próprios atributos nos outros, no caso, a fonte, analisando a aparência facial, o estilo de vestir, o corpo (linguagem do corpo) e a segurança com que a fonte passa as informações.

## Considerações finais

O artigo mostra a primeira parte da pesquisa, que tem o objetivo de simplificar as formas de solucionar problemas de decisão na escolha de fontes jornalísticas, conceituando variáveis e as transferindo-as para uma versão computacional, constituída de sistemas inteligentes digitais. Elas ajudariam na busca de uma decisão “ótima”, que equivaleria a encontrar uma fonte jornalística adequada, pertinente e sem conter algumas variáveis indesejáveis, como o efeito de acomodação e/o jogo de interesses. Segundo estudiosos na área do jornalismo, essas variáveis prejudicam a qualidade do jornalismo praticado e, conseqüentemente, sua credibilidade, pois não cumprem algumas funções primordiais do jornalismo, como a isenção, a precisão, a produção de informação confiável e de relevância social. Para conceituar natureza, credibilidade, prestígio e atualidade das fontes jornalísticas, se utilizou a taxonomia da área do jornalismo, com o aporte de teorias da área da psicologia cognitiva (*decison making, person perception e social cognition*), com incursões na Neurociência (memória biológica) e modulação do conceito em atributos e instâncias.

A pesquisa encontra-se atualmente na sua segunda fase, com a modulação de um sistema com base na UML, que compatibiliza os atributos e instâncias pesquisados com os conceitos que estruturam a linguagem da modelagem. A partir dessa compatibilização, que dará consistência e coerência ao sistema, será definida a melhor linguagem de programação para os propósitos da pesquisa.

## Referências

- BADDELEY, Alan (1999). Memory. In: WILSON, Robert A., KEIL, Frank. *The MIT encyclopedia of the cognitive Sciences*. EUA: The MIT Press.
- BECHTEL, Willian; GRAHAM, George (1999). *A companion to cognitive science*. EUA: BlackWell.
- CHAPOUTHIER, Georges (2005). Registros evolutivos. In: *Viver mente & cérebro*, n. 2, (edição especial), São Paulo, Duetto Editorial.
- EYSENCK, Michael W. (1990). *Blackwell dictionary cognitive psychology*. Massachusetts: Basil Blackwell.
- FUSTER, Joaquim (2005). Arquitetura de rede. In: *Viver mente & cérebro*, n. 2, (edição especial), São Paulo, Duetto Editorial.
- GOMIS, Lorenzo (1991). *Teoría del periodismo: cómo se forma el presente*. Barcelona.
- IZQUIERDO, Ivan (2005). A mente humana. In: *Revista Multiciência*. Disponível em: <[www.multiciencia.unicamp.br/art01\\_3.htm](http://www.multiciencia.unicamp.br/art01_3.htm)>. Acesso em: 19 jun. 2005.
- \_\_\_\_\_ (2005). *O mecanismo da memória*. Universia. Disponível em: <[www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=6979](http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=6979)>. Acesso: em 19 jun. 2005.
- \_\_\_\_\_ (2004). Tipos e mecanismos de memória. *Revista Mente e Cérebro*, São Paulo, dez. 2004.
- LAGE, Nilson (2001). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record.
- LAROCHE, Serge (2005). Marcas da identidade. In: *Viver mente & cérebro*, n. 2 (edição especial), São Paulo, Duetto Editorial.
- LE DOUX, Joseph (2002). *Sinaptic self: how our brains become who we are*. New York: Penguin Book.
- PINTO, Manuel (1999). Fontes Jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. Comunicação apresentada no III Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, realizado na Universidade do Minho, Braga, Portugal, 27-30 out. 1999.
- ROEDIGER III, HENRY L.; GOFF, Lin M. (1999). Memory. In: BECHTEL, Willian; GRAHAM, George. *A companion to cognitive science*. EUA: BlackWell.
- SQUIRE, Larry R. (2004) *Memory systems of the brain: a brief history and current perspective*, Disponível em: <[www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com)>. Acesso em: 19 jun. 2005.
- \_\_\_\_\_ (1999). Human neuropsychology memory. In: WILSON, Robert A., KEIL, Frank. *The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences*. EUA: The MIT Press.
- SQUIRE, Larry; KANDEL, Eric (2005). Memória não-consciente. In: *Viver mente & cérebro*, n. 2, (edição especial), São Paulo, Duetto Editorial.

128 JUNIOR, Walter Teixeira Lima. Classificação das bases conceituais para elaboração de sistema digital de busca de fontes jornalísticas. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 12, p. 115-128, dez. 2006.

STERNBERG, Robert J. (2002). *Psicologia cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas.

YATES, J. F. (1990). Judgment and decision making. NJ: Prentice-Hall. In: BECHTEL, William; GRAHAM, George. *A companion to cognitive science*. EUA: Blackwell Publishing.

WALTER TEIXEIRA LIMA JUNIOR é professor do Programa de Pós-Graduação da Cásper Líbero e pós-doutorando em Comunicação e Tecnologia Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). É doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e fundador do Grupo de Pesquisa Aplicada na Comunicação (PESAC). Atualmente trabalha na Assessoria de Imprensa da USP.

[digital@walterlima.jor.br](mailto:digital@walterlima.jor.br)

*Recebido em 25 de setembro de 2006 e  
aprovado em 22 de dezembro de 2006*